

Taubaté, 30,12,1904

Rangel:

Aqui no exílio a modorra é um mal ambiente que derruba até os mais fortes. Exílio, Rangel, pura verdade! Saltar da liberrima vida estudantina de S. Paulo e cair neste convencionalismo de aldeia, com trabalhos forçados... Sinto-me rodeado de conspiradores; todos tramam o meu achatamento. Tudo quanto mais prezavamos_ o nosso individualismo, etc., é crime de lesa-aldeia, de que o vigário, os parentes e as mais “pessoas gradas” nos querem curar. O ideal é fazer de nós mais uma “pessoa grada”, mais um “cidadão prestante”. É arredondar-nos como um pedregulho, lixar-nos todas as arestas_ as nossas queridas arestas! Um homem aqui só fica bem “grado” quando se confunde com todos os outros e é irmão do Santíssimo Sacramento.

Ontem insinuaram-me que eu tinha de ir á missa dum coronel que morreu e nunca vi mais gordo; insinuaram de leve, porque a conspiração é jesuitica. E se não me defendo heroicamente, acabo papa-missa, papa-defunto, papa-sermão_ e freguês da chimbica no fundo da farmacia.

Logo que cheguei (que cheguei “formado!”) mimosearam-me com uma manifestação; foguetes (Taubaté não faz nada sem foguetes), a banda de musica, molecada atrás e oito discursos, nos quais se falou em “raro brilhantismo”, “um dos mais”, “as venerandas arrancadas” e outras macuquices que tive de aguentar de pé firme em casa de meu avô. Eu percebia o jogo: a manifestação era mais dirigida a ele do que a mim, porque ele é um grande visconde e eu não passo dum simples “neto de visconde”.

Não respondi macucalmente, como era esperado. Declarei que não havia razão para homenagem, porque se tratava dum bacharel mais pelo Largo do Rosario do que pela Academia, no qual as ciencias do Triangulo superavam as do Corpus Juris. Disse ainda que um novo advogado não passa de mais uma filoxera social que sai do casulo_ e por aí além. Os manifestantes entreolharam-se. A lingua era nova e desconhecida na terra, mas a cerveja que o avô mandou servir (e creio que era ao que realmente vinham) reconciliou-os com o neto.

Não imaginas a estranheza da minha emoção quando estourou lá longe o primeiro foguete e alguém ao meu lado disse: “É a manifestação que vem vindo”. Um foguete soltado por minha causa...

Mudando: ontem peguei um numero d’*O Combatente* e reli o capitulo II do teu *De S. Paulo ao Guarujá*. “Terra Efervescente”. Viajei de novo de S. Paulo ao Guarujá com aquela descrição que é um cinematografo com fonografo ao lado, ou, melhor, que é um extraordinario “biografo”. Quando nos dará mais coisas como essas?

Veu o Maeterlinck.

Do teu desolado

LOBATO